

PADRÕES DE USO DA CONSTRUÇÃO QUALIFICADORA [V UMA DE X]: UM CASO DE VARIAÇÃO CONSTRUCIONAL

Amanda Santos Gomes¹

Gessilene Silveira Kanthack²

RESUMO: Neste artigo, analisamos os padrões de uso da construção qualificadora [V uma de X] no Português Brasileiro, a fim de atestar a alternância/variação que ocorre nesse tipo de construção. São exemplos: *õtirar uma deö, õdar uma deö, õpagar uma deö, õfazer uma deö e õpassar uma deö*. Para tanto, assumimos pressupostos da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROSDALE, 2013; entre outros) e da abordagem Socioconstrucionista (MACHADO VIEIRA, 2016; WIEDEMER; MACHADO VIEIRA 2018a, 2018b; 2019). Por meio de uma metodologia quali-quantitativa, analisamos uma amostra constituída a partir da plataforma digital Google Notícias (GN). Como resultados, constatamos: (i) as construções qualificadoras são acionadas, no uso, como estruturas similares; e (ii) há variadas possibilidades de cooptação do *slot* em V e do *slot* em X, o que revelou, então, variação por similaridade configuracional, por aloconstrução e metaconstrução (LEINO; ÖSTMAN, 2005; CAPPELLE, 2006).

Palavras-chave: Construção qualificadora. Gramática de Construções. Variação construcional.

PATTERNS OF USE OF THE QUALIFYING CONSTRUCTION [V UMA DE X]: A CASE OF CONSTRUCTIONAL VARIATION

ABSTRACT: In this paper, we analyze the usage patterns of the qualifying construction [V uma de X] in Brazilian Portuguese to verify the alternation/variation that occurs in that type of construction. Examples are: *õtirar uma deö, õdar uma deö, õpagar uma deö, õfazer uma deö and õpassar uma deö*. For this, we took into consideration the assumptions of Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROSDALE, 2013; among others) and the Socioconstructionist approach MACHADO-VIEIRA, 2016; WIEDEMER; MACHADO-VIEIRA 2018a; 2018b; 2019). Through a qualitative and quantitative methodology, we analyzed a sample constituted from the digital platform Google News (GN). As results, we found: (i) the qualifying constructions are activated, in use, as similar structures and (ii) there are varied possibilities for co-opting the V-slot and the X-slot, thus evidencing variation by configurational similarity, by allostruction and metaconstruction (LEINO; ÖSTMAN, 2005; CAPPELLE, 2006).

Keywords: Qualifying construction. Construction Grammar. Constructional variation.

¹ Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus/BA, Brasil; E-mail: amandhhagomes_@hotmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1413-4301>

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Profa. Titular (Pleno) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus/BA, Brasil; E-mail: gskanthack@yahoo.com.br; Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1352-436X>

Introdução

Das possibilidades que se desdobram a partir da utilização da língua, uma das que chama a atenção, e se colocou como aspecto crucial para o desenvolvimento da nossa investigação³, é a habilidade de ressignificação e/ou criação que os falantes desempenham em suas ações comunicativas. Isto é, reconhecemos que as dinâmicas acionadas na língua em uso refletem diretamente no estado atual das estruturas linguísticas (BYBEE, 2016), e, por esse motivo, essas atividades reais são o *locus* para a inovação, alternância/variação e mudança linguísticas.

Assim, a fim de investigar um fenômeno que representa tal dinamicidade, elegemos como objeto de pesquisa as construções compostas por Verbo + uma + de + X (doravante [V uma de X]), que denominamos de qualificadoras. Nos excertos em (1), *õdar uma de personal trainerö* (a), *õpassar uma de que está surpresoö* (b), *õpagar uma de cultoö* (c) ilustram esse tipo construção:

(1)

a. *õBruno Alves aproveitou o tempo livre, devido à pandemia causada pelo novo coronavírus, para õdar uma de personal trainerö ao lado de sua esposa, Daniela Pugsleyö.* (Futebol interior ó GN).

b. *õNão pega bem um jornalista experiente como Guga, acostumado a diagnósticos políticos complexos, vir agora e tentar õpassar uma de que está -surpresoö com a desqualificação e o baixo nível dessa genteö.* (Brasil 247 ó GN).

c. *õNão tem inteligência suficiente pra zerar o jogo e quer õpagar uma de cultoö, como se ler por ler fosse algo maravilhoso. Ler é como assistir TV, tudo depende do conteúdo. Aposto que tá lendo Twilightö.* (Tech Tudo ó GN).

Guiadas por pressupostos da Gramática de Construções (daqui em diante GC) e da abordagem Socioconstrucionista, investigamos os padrões de uso da construção qualificadora [V uma de X] no Português Brasileiro, a fim de verificar a alternância/variação que ocorre nesse tipo de construção. Traçamos as seguintes ações específicas: (i) identificar os elementos que são cooptados nos *slots* de V e X; (ii) analisar a natureza dos elementos cooptados; (iii) certificar, a partir do levantamento quantitativo, a produtividade das construções (frequências *type* e *token*) e das possibilidades de preenchimento dos *slots* de V e de X; e (iv) atestar que as

³ Pesquisa realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

construções analisadas são pares de forma-sentido que representam um fenômeno de ressignificação/ampliação de uso na língua, e que, sobretudo, revelam alternância/variação.

Para a investigação, nosso *corpus* foi constituído a partir de notícias e de comentários *online* compilados no *site* do Google Notícias. A plataforma reúne textos autênticos de diversos veículos de comunicação, permitindo-nos trabalhar com diferentes níveis de formalidade. Tal escolha está em alinhamento com o viés teórico adotado, já que nos possibilita observar não somente a forma das construções qualificadoras, mas também sentidos que são vinculados.

Para fins práticos, organizamos o artigo da seguinte forma: nas duas primeiras seções, expomos os pressupostos que servem de base (teórica) ao trabalho; na terceira seção, apresentamos a nossa amostra com a análise quantitativa e qualitativa dos padrões registrados. As considerações finais e as referências utilizadas encerram o artigo.

Gramática de Construções (GC): a língua como uma rede dinâmica

No cerne da GC, está o postulado de que a construção é uma unidade simbólica constituída a partir da correspondência entre forma (propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas) e sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais) (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROSDALE, 2013; BYBEE, 2016). De acordo com Goldberg (2006), a construção é a unidade básica da gramática e qualquer padrão linguístico convencional é reconhecido como uma construção.

Sob o prisma dessa perspectiva, a língua é entendida como uma rede taxonômica, em que pares de forma e sentido instanciam constructos que evidenciam a natureza funcional do sistema linguístico. A rede corresponde à organização e à categorização das construções. Assim, cada construção constitui um nó na rede taxonômica das construções (CROFT, 2001, p. 25).

A propósito da organização dessa rede, Traugott e Trousdale (2013) explicam que ela ocorre a partir da vinculação entre uma construção de nível menos esquemático e outra que é mais geral, mais esquemática. Desta feita, uma dada construção só é alocada na rede mediante o grau de compartilhamento de suas propriedades com outras construções, ou seja, com base no grau de conexão entre elas.

Para dar conta da instanciação e da convencionalização de construções na hierarquia construcional, Traugott e Trousdale (2013) propõem três propriedades. São elas: esquematicidade, produtividade e composicionalidade.

A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração da construção, já que o pareamento tem uma estrutura sequencial que pode ser [+/-] fixa ou [+/-] aberta. As construções são, portanto, variáveis no que diz respeito aos níveis da sua esquematicidade, complexidade e dimensão. Isto é, há na língua tanto construções que podem ser bem específicas, com pequeno grau de variação em uma determinada posição X, quanto as que permitem que variadas formas se encaixem na estrutura esquematizada.

Para explicar essa propriedade, Traugott e Trousdale (2013) propõem três níveis de abstração/esquematização: (1) esquema, (2) subesquema e (3) microconstrução. Também, propõem um de concretude/realização, o constructo. O esquema possui natureza altamente abstrata e esquemática que abarca estruturas complexas com várias possibilidades de preenchimento. O subesquema, por sua vez, envolve um conjunto de similaridades que são observáveis entre as construções, com menos espaços de preenchimento. As microconstruções compreendem as construções *types* individuais propriamente ditas que já estão convencionalizadas na língua. Por último, os constructos, que correspondem aos usos efetivos, são os *tokens* empiricamente comprovados.

A composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e função/significado. Trata-se de uma propriedade pensada em termos de convergência ou não-convergência (*match* ou *mismatch*) entre o significado de elementos individuais e o sentido do todo.

A produtividade, por sua vez, refere-se à extensão de padrões existentes que instanciam novos tipos de construções menos esquemáticas, isto é, envolve a quantidade de construções específicas que os esquemas mais abstratos conseguem instanciar. Ligada ao grau de cristalização e rotinização dos usos na rede da língua, a produtividade de um padrão depende do quanto o falante o utiliza/aciona. Para entender o impacto desse fator, vale destacar a distinção proposta por Bybee (2003) entre frequência *type* e frequência *token*. A primeira diz respeito à quantidade dos tipos de expressões que uma dada construção apresenta; a segunda corresponde a quantas vezes determinada construção ocorre no uso. É esta última que vai apontar se a construção está ou não se rotinizando na língua.

Abordagem Socioconstrucionista: a variação construcional

Com o intuito de contemplar o fenômeno da variação dentro da moldura construcional, Machado-Vieira e Wiedemer (2018a, 2018b, 2019) propõem, como alternativa, o diálogo teórico entre a Sociolinguística Variacionista e a Gramática de Construções, denominando tal enfoque de socioconstrucionista. Os autores justificam o diálogo tendo em vista que ambas as perspectivas lidam e se orientam pelos usos que os falantes fazem da língua. No entanto, o debate crucial que emerge nesse diálogo envolve o conceito de variação linguística.

A propósito, o conceito formulado pela Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV ([1972] 2008) indica que a variação linguística se refere aos modos alternativos de se dizer a mesma coisa e representar o mesmo conceito referencial. No dizer de Labov, dois enunciados diferentes que codificam o mesmo estado de coisas funcionam, em termos contextuais, a um só tempo, ao mesmo valor de verdade. Esse conceito básico nos direciona a pensar, inicialmente, que há sinonímia perfeita, quando formas diferentes são usadas para representar o mesmo significado.

Todavia, uma das premissas assumidas pela GC é a de que, quando duas construções são sintaticamente distintas, também serão distintas no plano semântico ou pragmático. Trata-se, portanto, do princípio da não-sinonímia, elaborado por Goldberg (1995), o qual prevê potencialidades de diferenças funcionais entre as construções, tais como: de registro (formal ou informal), de organização do cenário discursivo, das questões implicadas no contexto de produção linguística, entre outras.

Machado Vieira (2016), contudo, chama a atenção para o fato de que essa inclinação em se identificarem apenas as diferenças entre as variantes problematiza o reconhecimento de funcionalidades semelhantes a que servem certas construções. Conforme a autora, essa inclinação é nítida até mesmo quando dados da experiência (os usos) mostram que nem sempre a diferenciação é percebida ou compreendida pelos próprios falantes.

Não pretendemos renunciar ao princípio da não-sinonímia, ou questioná-lo por completo, como alertam Oliveira e Lopes (2019), ou não o reconhecer como um preceito que contempla as adaptações que uma língua demanda de seus falantes. No dizer de Machado Vieira (2016, p. 156),

[...] apenas se tenciona chamar a atenção para a atitude que, de partida, se pode assumir frente a situações de variação ou alternância (ainda que estas raramente ocorram), às quais geralmente não se confere expressividade na descrição linguística.

É, portanto, nesse enquadre que se trava o dilema central da variação na GC. Como a premissa norteadora é a de que as construções (gramaticais e lexicais) são unidades básicas da gramática (GOLDBERG, 1995, 2006) e estão ligadas pela correspondência entre forma e sentido (CROFT, 2001), a modificação de uma (forma) implicaria, necessariamente, alterações na outra (sentido). Por essa razão, seria inviável a admissão de que formas distintas revelem o mesmo valor de verdade/mesmo valor referencial. Por outro lado, ainda que essas distinções sejam reais,

[...] não podemos negar que haja contextos de neutralização, isto é, situações de discurso em que duas ou mais formas são interpretadas como equivalentes pelo falante, de modo que uma ou outra é passível de ser selecionada para a expressão de uma mesma condição de verdade⁴ (OLIVEIRA; LOPES, 2019, p. 29).

Dentro dessa linha de considerações, parece-nos que o desafio está na necessária readaptação do conceito de variação. Afinal, considerando a impossibilidade de o pareamento forma-sentido permitir sinonímia em todos os seus atributos, a variação dentro da GC não seria vista no sentido de uma "sinonímia perfeita/sinonímia absoluta", mas enquanto padrões alternativos que são acionados, no uso, para cumprir funções semelhantes/alinhas/comparáveis, não iguais (MACHADO VIEIRA, 2016; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019; OLIVEIRA; LOPES, 2019).

Nessa perspectiva, um conceito apropriado para tratar da variação é o de aloconstrução, proposto por Cappelle (2006), em analogia aos conceitos estruturalistas de alofone e de alomorfe. Na visão desse autor, aloconstruções correspondem a duas manifestações distintas formalmente e equivalentes semanticamente. Isso não significa que sejam formas que expressem o mesmo e absoluto sentido, mas que são categorizadas, pelos falantes, como semelhantes/próximas, portanto, como alternativas construcionais.

Ainda, nesse sentido, Cappelle (2006) propõe a existência de ligação entre unidades que denotam relação de similaridade, considerada numa área denominada em Leino e Östman (2005) de metaconstrução, um espaço de generalização de padrões construcionais independentes, que trataria de ligar/relacionar uma construção e outra. Trata-se de um espaço

⁴ Condição de verdade, aqui, relaciona-se ao aspecto semântico. As construções, contudo, abrigam também outras propriedades.

abstrato onde os usos são neutralizados/alinhados e passam a ser conceptualizados como equivalentes em algum grau.

Os conceitos de aloconstrução e metaconstrução são, portanto, noções concebidas num jogo entre as semelhanças e as diferenças que estão implicadas nos usos de padrões alternativos, padrões em variação. Em particular, a aloconstrução explicita as alternativas diferentes, cada uma das construções; já a metaconstrução é um constructo teórico que representa a equivalência, ao passo que capta as diferenças, trata de neutralizá-las e amenizá-las nos contextos de usos (LEINO; ÖSTMAN, 2005; CAPPELLE, 2006).

Isso posto, compreendemos que defender o fato de as variantes serem usadas, em determinadas situações, para representar um mesmo objeto/coisa-no-mundo, não é o mesmo que defender que esses usos sejam exatamente iguais em todas as situações em que poderão ser acionados. Quando optamos por olhar o fenômeno sob a ótica da alternância/possibilidade, identificamos que algumas vezes os falantes categorizam os usos de acordo com as similaridades e abrandamento das dissimilaridades, de forma muito natural.

A construção qualificadora [V uma de X]: a nossa amostra

Tendo em vista que o padrão construcional [V uma de X] apresenta partes variáveis tanto no *slot* de V quanto no *slot* de X, verificamos, então, os tipos de elementos que ocorrem nesses espaços. Quanto ao primeiro *slot*, constatamos os usos dos verbos *õtirarö*, *õdarö*, *õpagarö*, *õfazerö* e *õpassarö*, sendo que eles aparecem ora no infinito, ora no gerúndio. Na tabela 1, registramos as frequências desses verbos, tanto *type* (tipos instanciados) quanto *token* (quantidade de vezes que o tipo de verbo ocorreu):

Tabela 1. Frequências *type* e *token* do *slot* de V.

Frequência	Tirar		Dar		Pagar		Fazer		Passar		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>type</i>												
Frequência	18	10,1	126	70,8	28	15,7	3	1,7	3	1,7	178	100
<i>token</i>												

Fonte: elaboração própria

Como se pode notar, cinco tipos de verbos ocupam o *slot* de V: tirar, dar, pagar, fazer e passar. Em termos de frequência *token*, o verbo *dar* é o mais recorrente (70,8%), indicando

que, de um total de 178 construções [V uma de X], em 126 o *slot* de V foi preenchido por tal verbo.

Quanto ao *slot* de X, constatamos, conforme Stefanowitsch e Gries (2003), que diferentes colexemas são atraídos à construção, o que revela diferentes padrões de usos, como veremos a seguir:

Padrão 1: [V + uma de + figura humana/personagem/personalidade pública]

(2)

a. *õSua qualidade técnica era tão questionada que, quando assistimos um atleta tentar fazer uma jogada bonita ou efeito e erra, a gente diz: õfulano tentou õtirar uma de Peléõ mas, acabou õdando uma de Gajé!õ* (Futebol baiano ó GN).

b. *õEle achou que os advogados dele no STF iriam soltá-lo rapidinho para depois õpagar uma de Mandelaõí Ele só nao calculou que o povo nao iria aceitar esse palhacada e foi as ruasõ.* (O cafezinho ó GN).

Nesses excertos, vemos que o X é ocupado por nomes de figuras públicas, evocando, nos dois casos, características e/ou circunstâncias que marcam as pessoas mencionadas. Com isso, notamos que os enunciadores indicam um posicionamento ó que pode ser positivo/apreciativo ou não ó tanto a respeito dos sujeitos que estão situados no ato da comunicação, quanto sobre aqueles que apenas são citados.

Em (2^a), percebemos que o enunciador tece um parecer sobre o baixo rendimento de um atleta e, para representar a falha detectada, para expressar a avaliação, recorre à construção qualificadora. O uso de *õtirar uma de Peléõ* refere-se à expectativa por um rendimento e prática habilidosa, já que se trata de uma menção ao ex-futebolista brasileiro, Edson Arantes do Nascimento, popularmente conhecido como Pelé. Por outro lado, quando o enunciador expressa que a jogada do atleta não foi vista com aprovação, ele utiliza a construção *õdando uma de Gajéõ*, em referência a um outro jogador menos habilidoso.

Em (2b), o internauta opina a respeito de uma reunião que decidiria pela outorga ou não da liberdade ao ex-presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, preso na época. A partir da construção *õpagar uma de Mandelaõ*, o usuário conjectura sobre o episódio e faz alusão à história de aprisionamento enfrentada pelo ex-presidente da África do Sul, o Nelson Rolihlahla Mandela, alinhando-a ao caso em questão.

Padrão 2: [V + uma de + ofício/profissão]

(3)

a. *õNessa época, resolvi õdar uma de escritorõ e escrevi várias crônicas. Sobre a minha filha, minha carreira, o vazamento...õ* (Época Negócios ó GN).

b. *õDiego Figueiró Dias, ou seja, você não conhece o jogador. Nunca viu ele atuar. Tá õpagando uma de jornalista da Guaíba e da RBSõ, apenas comentando o que todo mundo já sabe...õ* (Gauchazh ó GN).

Nesses exemplos, os *slots* de X acionam formas que denotam algum ofício ou profissão. O diferencial entre uma ocorrência e outra está na força ou no abrandamento do dizer. Percebemos que, em (3a), há o uso da construção *õdar uma de escritorõ* em uma declaração do próprio enunciador sobre sim mesmo. Nesse caso, a avaliação é mais branda, pois o sujeito não tem a escrita como ofício profissional, logo é qualificado como um aprendiz ou aspirante a escritor. A avaliação permanece apenas no nível da sinalização de uma prática nova que não é por ele comumente exercida. Em contrapartida, em (3b), não há abrandamento, mas uma força maior na avaliação. O trecho é retirado da seção de comentários *online* e o usuário em questão adverte um outro internauta que estaria *õpagando uma de jornalista da Guaíba e da RBSõ*, isto é, tentando se comportar como aquele que apura fatos, mas somente os estaria repetindo. Nesse caso, o enunciador julga a postura notada, caracterizando-a como inadequada.

Padrão 3: [V + uma de + comportamento]

(4)

a. *õAo õdar uma de malucoõ com o seu próprio partido, Bolsonaro transformou o PSL num pesadelo do qual será difícil acordarõ.* (Blog os feras/ UOL ó GN).

b. *õO jogador afirma [...] õTentaram õtirar uma de espertoõ. Chega uma hora que temos que denunciarõ.* (Estado da Bahia ó GN).

Esses dados, acima, evidenciam que os enunciadores qualificam ações dos seus interlocutores e as identificam com base no tipo de comportamento que apresentam. O uso de *õdar uma de malucoõ* (4a) pode indicar um agir inesperado, equivocados, e até significar a ausência de reação. É como se o sujeito negasse atenção a algo que é relevante, e, por conta disso, não estaria em condições mentais normais. Já o uso de *õtirar uma de espertoõ* (4b) aciona o significado de que alguém pretende se beneficiar por meio de atitudes questionáveis.

Padrão 4: [V + uma de + expressão que marca uma atitude]

(5)

a. *õ[...] Desmoralizam nossas crianças com tudo que é IMO.RAL, para depois õpagar uma de defensores da moral alheiaõ criando um monte de tipos de cen.su.ra, usando o politicamente correto como desculpa esfarrapada. [...].* (Forte ó GN).

b. *õ[...] Falar do valor de uma Vida é Fácil mas tenho certeza que muitos aqui ao assistirem um Jornal e verem notícias sobre assassinatos esquecem que alguém perdeu uma vida [...] e aqui vem õpagar uma de Direitos Humanos ou Sociedade Defensora dos Animais. ANTES DE CRITICAREM OBSERVEM A SI MESMOS.* (Hypescience ó GN).

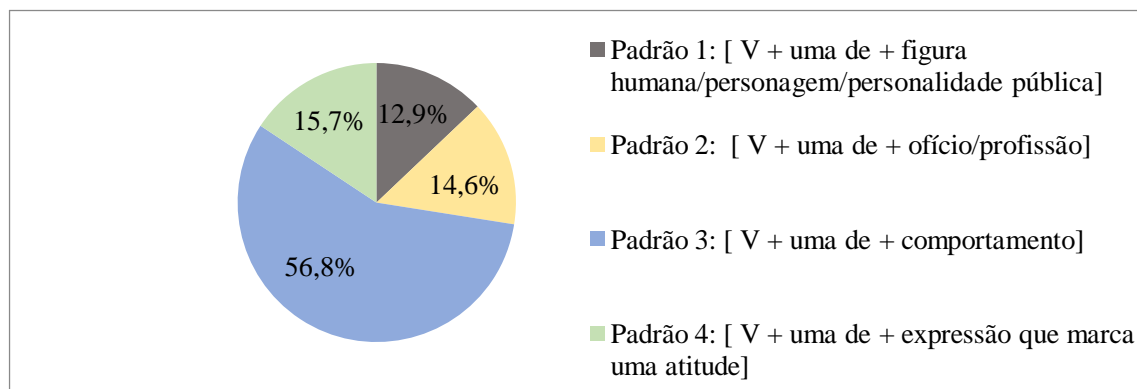
Sobre esse padrão, vemos que o *slot* de X pode atrair o uso de expressões maiores que caracterizam tipos de atitudes. Dessa forma, por meio de uma configuração mais abstrata, transforma-se determinada coisa-no-mundo em mecanismo de exteriorização de atitudes ou ações. Em (5a), o enunciador recorre à expressão *õdefensores da moral alheiaõ* como modo de categorizar um grupo que estaria tentando censurar/limitar determinado comportamento. Em (5b), a ideia é a de que os princípios defendidos no âmbito dos Direitos Humanos ou da Sociedade de proteção a animais são seguidos de forma leviana e inconstante.

A partir dessas possibilidades de instanciações, vemos, de fato, como a construção qualificadora parecia a um só tempo as propriedades da forma e do sentido. Os usos que analisamos só podem ser compreendidos se situados num dado contexto de interação, observando os efeitos funcionais estabelecidos.

Da análise feita, notamos que o mesmo padrão construcional mais abstrato [V uma de X] apresenta, por um lado, partes estáveis, fixas, que formam o esquema, e, por outro, partes variáveis, que permitem alternância tanto no primeiro quanto no segundo *slot* da construção. Assim, diferentes verbos podem ocupar o *slot* de V, e variados lexemas podem ser alocados no *slot* de X, sem que a relação de significação e similaridade entre as construções seja comprometida.

Quanto aos *slots* de X, de um total de 178 construções analisadas, constatamos quatro padrões recorrentes, como se pode ver no gráfico 1:

Gráfico 1. Frequência dos *slots* de X.



Fonte: elaboração própria.

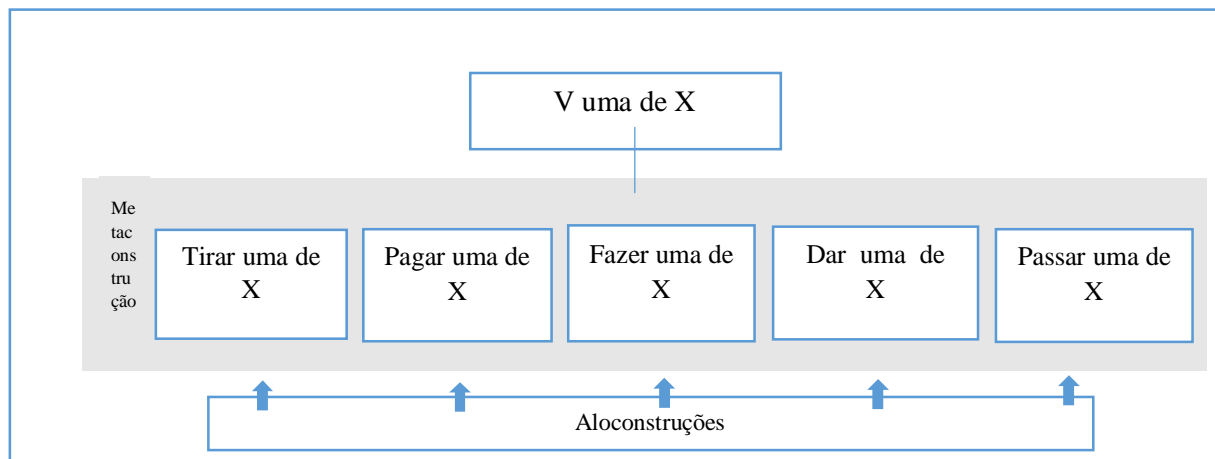
A respeito desses padrões, o mais acionado é o 3: [V + uma de + comportamento], totalizando 56,8% dos casos. Assim, palavras como *õmalucoõ* e *õespertoõ*, como vimos em (4a) e (4b), são instanciadas como formas mais objetivas de constituição de X nas construções qualificadoras, por isso são mais atraídas para esse *slot*. Já, em relação aos outros padrões, as formas que ali ocorrem requerem ligações com outros elementos no mundo para que os significados sejam depreendidos.

Apesar de o uso mais frequente ser o do padrão 3, acreditamos que este seja um padrão que denota sinais de alterações, pois, mesmo que a sua significação seja mais imediata (isto é, não exige tanta inferenciação e/ou ligações com outros elementos-do-mundo), ainda assim não é inteiramente transparente. Segundo os postulados da GC, a mudança linguística aponta para a redução da composicionalidade, pois, paulatinamente, os sentidos das partes vão tomando formas não-composicionais. Em outras palavras, elas vão demonstrando maior opacidade e requerendo a ideia do todo para a apreensão das significações intercambiadas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Isso posto, defendemos que o padrão [V uma de X] é fruto de uma alteração que revela variação na rede dessa construção. Independentemente do verbo escolhido pelo falante para cooptação em V, ou do tipo de (co)lexema acionado pelo *slot* X, os sentidos intercambiados se mostram similares. Os padrões construcionais não funcionam, indiscriminadamente, de maneira idêntica, diante da impossibilidade de sinonímia absoluta entre um pareamento forma-sentido, mas são acionados para expressar uma ideia semelhante: a de qualificação e avaliação a respeito de determinada ação, circunstância ou evento.

Nessa linha, assumindo as noções de aloconstrução e metaconstrução, apresentamos, na figura 1, como a variação está sendo representada em relação à construção que analisamos:

Figura 1. Representação da variação por aloconstrução e metaconstrução.



Fonte: Elaboração própria com base em Wiedemer e Machado Vieira (2018a).

Como podemos perceber, as aloconstruções correspondem às possibilidades de realizações da construção qualificadora [V uma de X], e a área da metaconstrução, parte cinza, representa o espaço em que as diferentes ocorrências são aproximadas/alinhadas. É essa área que permite que o usuário da língua acione qualquer uma das aloconstruções, garantindo, contudo, a produção de sentidos similares nas interações. São casos de compartilhamento de significados, pois os falantes as conceptualizam como formas semelhantes. Uma prova dessa conceptualização pode ser notada nos exemplos em (6) e (7):

(6)

a. *õPara o ex-procurador-geral, o ex-governador quer agora õsuavizarõ a própria imagem e õdar uma de bom moçoõ.* (Mídia News ó GN).

b. *õConcordo, nunca nem lembrou de sinop quando tava no auge e agora vem õpagar uma de bom moço...õ.* (Olhar direito ó GN).

(7)

a. *õDurante a conversa, é conveniente não querer õdar uma de professorõ, tentando ministrar aulinhas, pois a maioria das pessoas não gosta muito de quem se comporta como um sabe tudo ...õ* (Economia UOL ó GN).

b. *Posso não ser um Antônio Carlos Magalhães, quem sou eu para o ser, mas como ando com ele na política desde o comecinho das nossas jornadas na vida pública, tento não õtirar uma de professorõ e ser um mero aprendiz ...õ* (Correio 24 horas ó GN).

Mesmo fazendo parte de realizações linguísticas empiricamente distintas, percebemos que os falantes acionam formas idênticas para o *slot* de X, diferenciando as construções apenas pelo verbo que preenche o *slot* de V. Ou seja, evidenciamos a repetição de *õbom moçoõ* em (6) e, de *õprofessorõ* em (7). Apesar de os verbos utilizados serem diferentes,

a ideia transmitida é semelhante: a de qualificação. São, portanto, diferentes possibilidades de uso que transmitem um sentido/função aproximado.

Ainda sobre a figura 1, vale dizer que é através do esquema representado por [V uma de X] que são gerados os diferentes padrões. Por isso, assumimos que, quando os falantes acionam as construções qualificadoras, é a tal esquema que inconscientemente eles recorrem (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Esse esquema capta o que há de geral entre as ocorrências e as cinco possibilidades de cooptação dos *slots* de V, bem como as viabilidades de preenchimento identificadas nos *slots* de X, responsáveis por destacar a alternância/variação e os níveis de esquematicidade.

Nesse ponto, é importante frisar que não se deve confundir a noção de metaconstrução com a de esquema. Enquanto a primeira capta as semelhanças entre padrões construcionais que estabelecem relação de similaridade; a segunda, por sua vez, capta apenas a generalização identificada nos padrões de usos. Ambos, contudo, são estabelecidos por meio do uso dos falantes através da rotinização e da convencionalização (LEINO; ÖSTMAN, 2005; WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; 2018a).

Assim, assumimos que a construção qualificadora [V uma de X] é parcialmente especificada, pois conta com diferentes possibilidades de cooptação e apresenta variados graus de estabilidade. No caso do primeiro *slot*, ele é mais especificado e estável, pois só aceita ser preenchido por verbos; já, o segundo, é mais instável e menos especificado, pois, como vimos, admite que mais formas sejam cooptadas o que nos permitiu identificar quatro padrões de uso, reforçando o caráter variável desse tipo de construção.

Considerações finais

Em linhas gerais, o que apresentamos neste artigo, sobre a construção qualificadora [V uma de X], nos permite afirmar que elas realmente apresentam um comportamento variado e produtivo. Como vimos, a variação se manifesta por similaridade configuracional (aloconstrução e metaconstrução) e por cooptação dos elementos linguísticos que ocupam os dois *slots* construcionais, no caso, o *slot* de V e o *slot* de X.

Reiteramos que não concebemos ou notamos que as construções qualificadoras se comportem de modo idêntico em todos os contextos, mas os usos nos permitem concluir que há, nas situações reais de comunicação, uma inegável neutralização/equivalência quando esses usos são acionados.

Da análise promovida, reconhecemos a relevância da Gramática de Construções e da Abordagem Socioconstrucionista para o estudo de padrões que se rotinizam e convencionalizam no e pelo uso da língua. Em particular, os conceitos de construção, aloconstrução e metaconstrução nos permitem compreender o funcionamento desses padrões construcionais, à medida que fornecem mecanismos teóricos-explicativos para o trabalho de descrição e análise dos usos, especialmente no que se refere à da variação, fenômeno que evidencia o importante papel do falante na utilização e operacionalização da língua.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B; J, RICHARD. (Ed). *A handbook of historical linguistics*. Hoboken. NJ: Blackwell, p. 602-623, 2003.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. Rev. técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Ed. Cortez, [2010] 2016.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for -allostructionsø In: SCHÖNEFELD, D (Ed). *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*. Special Volume of Constructions. Disponível em: <https://www.constructions.uni-osnabrueck.de/wp-content/uploads/2014/06/2006-SI-Cappelle22-80-1-PB.pdf>. Acesso: ago. 2006.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972], 2008.

LEINO, L.; ÖSTMAN, J-O. Constructions and variability. In.: FRIED, M.; BOAS. H. C. *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. p. 192-213, 2005.

MACHADO VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Linguística*, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Volume especial, p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, M. S; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística variacionista e gramática de construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. S; WIEDEMER, M. L (Orgs). *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, p. 85-119, 2019.

OLIVEIRA, M. R. O.; LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. *Odisseia*, Natal, RN, v. 4. Esp., p. 22-40, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. São Paulo, *Alfa: Revista de Linguística*, v. 60, n. 2, p. 233 ó 259, 2016.

STEFANOWITSCH, A; GRIES, S. T. The Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 8 (2), p. 209-243, 2003.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO-VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: UNICENTRO, p. 41-77, 2018a.

WIEDEMER, M. L; MACHADO VIEIRA, M. S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, (1), p. 81-132, 2018b.

Recebido em: 20.12.2020.

Aceito em: 09.03.2021.